

DISCOGRAFIA FOLKCOM

Quarteto Colonial: O Sacro & o Profano – Músicas da Corte de D. João VI

por Gabriel Carvalho



Quarteto Colonial - Divulgação



Quarteto Colonial: O Sacro & o Profano – Músicas da Corte de D. João VI

Gabriel Carvalho¹

Ficha Técnica:

Álbum: O Sacro & o Profano – Músicas da Corte de D. João VI

Artista: Quarteto Colonial

Gravadora: Biscoito Fino

Realização: Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro

Direção Musical e Cravo: Maria Aida Barroso

Soprano: Doriana Mendes

Contralto: Talita Siqueira

Tenor: Geilson Santos

Barítono: Luiz Kleber Queiroz

Viola de gamba: Mario Orlando

A cultura na corte de D. João VI nos é trazida, com esta obra, através das canções da época, da chamada música Sacra, ou a música Colonial. Algumas dessas composições ainda hoje são reconhecidas, quando tocadas, mesmo sem o conhecimento de sua origem, ou a época em que era cantada.

O Quarteto Colonial surgiu no ano de 2003 com o objetivo principal de divulgar obras a cappella do padre José Maurício Nunes Garcia (considerado um dos maiores compositores musicais das Américas em sua época). Nos anos em que se seguem o grupo passa a mostrar um trabalho mais diversificado e seu repertório começa a ficar maior, com programas musicais que transitam da música colonial brasileira à música contemporânea.

Em 2008 ocorreram as comemorações dos 200 anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro. Com isto, em toda a cidade viam-se exposições de arte, concertos musicais e diversos lançamentos de livros e discos que resgatam parte desta história, da cultura e da sociedade daquele tempo.

Há época do Brasil colônia a religiosidade era extremamente presente na sociedade e todo movimento cultural era em torno da mesma. Isto pode ser notado nas obras de arte e na arquitetura barroca que ainda se fazem presentes em cidades como Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, Paraty, São João Del Rey e outras. A música sacra é considerada ainda hoje uma das grandes manifestações da cultura erudita brasileira.

¹ Jornalista e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). Professor do curso de Jornalismo da Faculdades Santa Amélia, de Ponta Grossa (Secal).

A obra 'O Sacro & o Profano' proporciona um resgate de parte desta cultura musical brasileira. O ópus em si é composto pelos chamados motetos para a Semana Santa e para a Quarta-feira de Cinzas, de José de Maurício, com execução a capella e as chamadas modinhas e lundus², que foram compostas e entoadas para animar saraus da aristocracia daquele período.

Os motetos para a Semana Santa presentes neste álbum fazem parte de um volume intitulado 'Obras Corais' publicado em 1976 pela Associação de Canto Coral, organizado pela musicóloga Cleofe Person de Mattos, que é responsável pela revitalização da obra do Padre José Maurício Nunes Garcia.

As peças, mesmo de forma sequencial aos eventos da Semana Santa, foram compostas em épocas diferentes, formando, entretanto, um conjunto bastante harmonioso. Segundo o trabalho organizado em 1976 pela musicóloga Cleofe Person de Mattos, 'O Gradual Tenuisti Manum Dexteram Meam' assim como os motetos 'In Monte Olivetti' e 'Improperium Expectavi' fazem parte do Ofício de Domingo de Ramos (CPM 218-2,7 e 10).

A composição 'Domine Tu Mihi Lavas Pedes' (CPM 198) é uma antífona para a cerimônia do Lava-pés. O moteto 'Judas Mercator Pessimus' (CPM 199) foi escrito para o Ofertório da Missa de Quinta-feira Santa. O moteto 'Domine Jesus' (CPM 208) é um moteto para ser cantado na noite de Quinta-feira Santa na Procissão do Senhor dos Passos.

Já o 'Popule Meus' (CPM 222), 'Cruis Fidelis/FellePotus' (CPM 205) e 'Sepulto Domino' (CPM 223) fazem parte de um mesmo manuscrito intitulado 'Bradados de 6ª feira maior'. Os motetos 'Immutemur Habitu' (CPM 61) e 'Inter Vestibulum' (CPM 62), para a Quarta-feira de Cinzas, completam as obras sacras de José Maurício, devidamente organizadas no trabalho de Cleófe Person de Mattos.

Esta primeira parte do ópus é a da composição sacra, da referência ao sagrado e ao religioso, muito marcante na população e na sociedade da época em que D. João VI estava no Brasil. Mas as manifestações culturais não aconteciam apenas em eventos religiosos, como da Capela Real, ou ainda no teatro.

Havia, à época, o que na obra ficou disposto como o Profano, onde as canções eram entoadas em bailes, eram as já ditas modinhas lundus, que eram interpretadas nos saraus. Estas apresentações normalmente aconteciam nas casas de famílias abastadas e até mesmo em palácios. Segundo descrito por Cleófe Person de Mattos, até o próprio Padre José

²Segundo o Dicionário Cravo Albim da Música Brasileira o Lundu é um gênero musical contemporâneo e uma dança brasileira de natureza híbrida, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos ao Brasil de Angola e de ritmos portugueses. Já a modinha os musicólogos discutem, sem chegar a resultados conclusivos, se ela nasceu em Portugal ou no Brasil e se é de origem popular ou erudita.

Maurício frequentava, em certas ocasiões, estes festejos, onde ele próprio tocava o cravo ou fazia o acompanhamento dos cantores.

Dentre as modinhas presentes neste álbum está a ‘No momento da partida’ de autoria do Padre José Maurício. Esta modinha foi anunciada no Jornal do Comércio de 23/02/1837 e brada sobre um amor perdido, de um coração partido, no momento de uma partida. Na parte das modinhas, as canções já parecem muito mais familiares aos ouvidos não tão acostumados à música erudita e, principalmente, sacra.

Na segunda parte do disco há a presença de modinhas de autoria de um mulato, Domingos Caldas Barbosa, apontado como o responsável pela introdução da modinha brasileira em Portugal no século XVIII. São de sua autoria os textos de três modinhas: ‘Homens errados e loucos’, ‘Você trata amor em brinco’ e ‘Os teus olhos e os meus olhos’.

A seleção das modinhas para o álbum não foram ao acaso. As modinhas ‘Homens errados e loucos’, ‘É delícia ter amor’ e ‘Meu amor minha sinhá’, fazem parte de um manuscrito intitulado ‘Modinhas do Brasil’, o qual fora encontrado na Biblioteca da Ajuda em Portugal.

A modinha ‘Você trata amor em brinco’ possui melodia de Marcos Antônio (Marcos Portugal) e foi publicada em fins do século XVIII no ‘Jornal das Modinhas com acompanhamento de Cravo dedicado a Sua Alteza Real Princesa do Brasil – Carlota Joaquina’. Nesta mesma publicação está a modinha ‘Marília tu não conheces’, de autor anônimo, e a ‘Moda do Londu’.

A musicóloga Maria Aida Barroso, descreve que todas as modinhas foram harmonizadas para o pianoforte por Sigismund Neukomm e atualmente estão na Biblioteca de Paris. Há ainda na obra diversas outras modinhas da época. Em suma a obra resgata a cultura da sociedade de um momento único da história brasileira e mundial, quando o Brasil se torna a sede do governo e deixa de ser colônia de Portugal.

Uma obra de finíssima qualidade de gravação que transporta o ouvinte há dois séculos atrás. Momento em que a composição da sociedade e da cultura brasileira se mostrava de uma forma única, com picos insurgentes nas Minas Gerais, Bahia e outros estados. A obra mostra o traço de uma cultura religiosa ainda muito presente até hoje na cultura brasileira. **RIF**